



https://faulac.org/



**MANIFESTO PARA
COMUNICAÇÕES
QUE ACOMPANHAM**

LER



Encontre mais informações aqui:



Escrevemos este Manifesto em junho de 2025, em diferentes territórios latino-americanos: México, Colômbia e Chile, regiões habitadas por pessoas que integram esta equipe de comunicações.

Escrevemos acompanhadas de sonhos, desejos e compromissos que aprendemos das amizades e organizações políticas, das comunidades indígenas Wayuu, das nossas famílias, de tudo o que nos ensinaram as mulheres e as pessoas dissidentes de sexo e gênero que acreditam, todos os dias, que outra vida é possível. Com a revolta que aprendemos de uma mãe que nos ensinou a defender-nos e a não aceitar o racismo.

Realizamos este processo na companhia dos nossos sonhos e compromissos com a justiça, a solidariedade, a empatia e a colaboração. Com a esperança de um mundo mais justo, com uma distribuição mais equitativa dos recursos, um mundo onde ter uma vida digna seja possível.



Com essa inspiração manifestamos que as comunicações do FAU-LAC: apostam em narrar as estratégias das organizações que apoiamos, dos movimentos e ativistas da região; contam as estratégias internas do FAU-LAC para fazer incidência, mobilização de recursos e mudanças de paradigma. Queremos que as informações sobre como acessar um apoio cheguem às mulheres, pessoas trans e dissidentes de gênero. Desejamos construir uma ponte entre o que fazemos e o público que queremos alcançar por meio dos nossos diferentes canais de comunicação.

Procuramos fazer um exercício de comunicação que reflita a postura política que temos como organização, as apostas que temos frente aos recursos financeiros e a dívida histórica que se tem com quem não tem acesso a estes recursos. Propomos uma comunicação que reconhece as histórias e vidas de outres, que prioriza as vozes que transformam crises e recursos em sonhos e projetos.

Queremos continuar explorando diversos formatos para contar as histórias dos processos que apoiamos, das lideranças que são fortalecidas por meio deles, dos territórios e bens comuns que são defendidos, da autenticidade que comunica o que realmente está acontecendo.

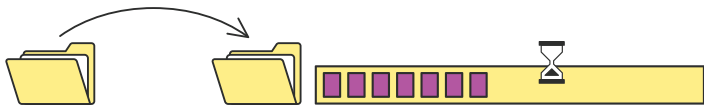
Para isso, contamos as histórias de ativistas que atuam nesta região, com suas próprias vozes, sem suavizar suas críticas ao sistema. Contamos as ações que acontecem em espaços não comuns, em espaços onde há luta, dignidade e autonomia. Porque há reivindicação onde alguns acreditam que há silêncio!

Incentiva-nos o ato de contar histórias que mostram transformações em diferentes âmbitos: no íntimo, no comunitário, no territorial e no regional. Queremos abrir as portas dos nossos processos para narrar que nem tudo é perfeito, que as dificuldades existem.





Nossas comunicações têm diversas formas e texturas. De coisas sem fim, de ferramentas e materiais, com contrastes não harmônicos e textura granulada; são como a água, água salgada e doce, como a chuva e o pântano; essa água que se transforma, nasce de um fiozinho e vai aumentando, desemboca - como os processos - em outros rios, e finalmente no mar. São comunicações com distintos aromas e sabores. Aroma de café moído, de terra cultivada, de comida feita no fogão a lenha, de tabaco; ardem um pouco e ao mesmo tempo são doces. Sentimos no corpo, na barriga - esse segundo cérebro impossível de enganar. É um fogo que nos sobe às mãos e permite criar, plasmar. No ritmo do samba, dos tambores, de uma marcha feminista.





Escrevemos, desenhamos e criamos para quem precisa de um recurso, para quem trabalha no próprio espaço, constrói na comunidade, participa de um movimento, sonha sobre sistemas de justiça alimentar, para quem educa, transgride e vê além do que lhe disseram que deveria ser. Para as nossas comunidades, para quem defende o que é justo em cada um dos nossos contextos. Fazemos tudo isso para que estas pessoas se reconheçam nas nossas imagens e palavras, fazemos para as pessoas que trabalham todos os dias pelo que acreditam, sem perder a alegria. Mas também para quem está confortável com o seu privilégio, quem tem o poder e não quer reconhecê-lo.

Concordamos que todas essas identidades contribuíram para atizar os nossos fogos internos. Houve incômodo, questionamentos e o descontentamento com o que foi dito. Reconhecemos que as nossas comunidades nos construíram e nos sustentaram ao longo do tempo e é aí que nossas palavras ecoam e são reconhecidas, onde imaginamos futuros. Nelas mantemos os olhares e os abraços de cumplicidade, quando sabemos que cometemos

grandes erros, ainda que estejamos convencidas e comprometidas com o que acreditamos.

Porque sabemos que não somos superpoderosas, irrepreensíveis e finalizadas. Somos um processo e não alcançaremos a nossa aposta política sozinhas. Precisamos umas das outras para isso.

Gostaríamos que este texto fosse um guia, não pelo que mostra ou pelo que diz, mas pelas perguntas que provoca. Cada decisão também é uma pergunta. Gostamos de pensar que fazemos parte dos pequenos movimentos para que o castelo de cartas caia e possamos realmente nos ver, para entender coletivamente que precisamos de mudanças estruturais para conviver. Queremos continuar sendo incisivas quando podemos e sutis quando não é possível ser evidentes. Mas sempre incitando. Esperamos que estas palavras, nascidas de sonhos individuais e coletivos do FAU-LAC, possam ser inspiração para outres, e que possam ressoar e se transformar em ações, que nos movam para lugares incomuns nas comunicações e nos aproximem de tudo o que perdemos pelo caminho.

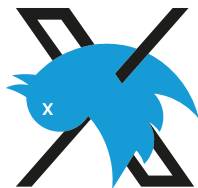
Este manifesto é um convite para lembrar a importância de ser rede, de ser manada, de fazer em coletivo, de que embora esta decisão seja própria da área de comunicações do FAU-LAC, foi tomada junto a muitas outras pessoas que nos acompanharam neste processo de reflexões, que nos inspiraram e que nos ensinaram. Muitas outras pessoas estão atuando nos detalhes para mudar e mobilizar este mundo rumo a outro lugar.

Também nos permitimos nomear as sombras, apelamos ao imperfeito, ao inacabado, à pedagogia do erro. Nada nunca está terminado e tudo pode mudar. Não queremos que este manifesto seja um convite à ação partindo do ódio e da violência, que seja entendido como palavras que acendem o fogo apenas para a destruição. Pelo contrário, queremos avivar o fogo para a mudança, para a ação conjunta.

Escrevemos com palavras honestas, cuidadosas e ainda estamos pensando nas maneiras de compartilhar esse manifesto. Usamos conceitos que consideramos facilmente digeríveis e sem dupla interpretação. Palavras que não são adornos. Ainda há muito por explorar e provar na simplicidade e no que conhecemos

Um dia nos perguntamos sobre a nossa presença digital, sobre os canais, plataformas e espaços virtuais que queríamos e precisávamos habitar. Dessa forma começamos este processo compartilhado de escuta ativa e genuína. As perguntas nos levaram a este exercício, que nos provocou movimentos, nos colocou à prova e nos desafiou. A atual equipe de comunicações optou por dar um passo para solucionar algumas questões que estavam pendentes de avaliação. Experimentamos e fizemos a viagem que era necessária experienciar. Um exercício democrático na área, com consciência e honestidade. Sabemos que o nosso trabalho não se sustenta apenas do que precisa ser feito todos os dias, de forma mecânica. É uma teimosia gerar espaços e tempos juntas para fazer isso porque consideramos que é necessário dar sentido ao que fazemos.

Não temos respostas finais ou permanentes para o que nos perguntamos, mas se você também aposta em um trabalho justo, significativo, comprometido, esse manifesto faz parte disso. Queremos fazer um exercício de acompanhamento e acorpamento com as nossas comunicações que reconhecem os corpos digitais.



As reflexões e questionamentos que existem sobre as plataformas privadas e comerciais nos nutrem, espelhamo-nos nelas, mas também em tudo o que nomeamos.

Por isso, e para continuar tecendo pontes, decidimos não usar mais a plataforma "X" como um espaço de comunicação. Não colocaremos mais conteúdos, mas não apagaremos a nossa presença neste espaço, como um exercício de memória digital, pois a internet também se habita com as contranarrativas que ali colocamos.

Mesmo não estando de acordo com as visões mercantilistas e privadas de plataformas como o Instagram, o Facebook, o Youtube e o LinkedIn, continuaremos utilizando estes espaços como ferramentas para a conexão digital com quem já dialogamos e com quem ainda não conseguimos dialogar. Embora tenhamos iniciado um caminho que aposta em uma infraestrutura digital própria, feminista e autônoma, por enquanto, não criaremos um novo perfil em outras plataformas, mesmo naquelas que fazem parte do fediverso,

pois reconhecemos que não podemos sustentar processos de conversa e articulação coletiva que nos permitam migrar em manada para esses novos sites. Queremos continuar aprendendo e nos inspirando com as pessoas que conseguiram fazer isso e com aquelas que estão criando alternativas digitais. Chegaremos lá, tudo no seu tempo e tudo no seu ritmo, regras universais.

Sabemos que muitas coisas ainda serão necessárias para que a nossa tarefa seja justa e significativa e estamos trabalhando nisso.



Este exercício surgiu da pergunta "Para onde vamos?", lançada por organizações e coletivas que atuam nos ativismos digitais, feministas e no infoativismo. Uma pergunta que insta a questionar as plataformas digitais e privadas. Foi realizado por meio de uma metodologia de práticas narrativas, coordenada por Anaiz Zamora Márquez, Oficial de Comunicações. A publicação sintetiza as vozes de Alejandra Henríquez, Paola Palacios e Juliana Guerra, que integram a área de Comunicações do FAU-LAC, em junho de 2025.